

BOTELHO, José Mario. História externa da língua portuguesa e a formação de seu léxico. Rio de Janeiro: Autografia, 2022. 302 p.

Mario Cesar Newman de QUEIROZ¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v20i1.3519>

As abordagens de história externa da língua portuguesa tendem a se apresentar de dois modos. Ora, demasiadamente simplistas, sintéticas (como no clássico de Ismael Coutinho), em que a História Externa se mostra como uma rápida apresentação para logo tratar do que parece ali ser mais pertinente, a História Interna da língua. Ora, demasiadamente técnicas, não raro misturando História Externa e História Interna (como no de Paul Teyssier), em que se vê a clara intensão valorativa da História Externa, sua direta presença nas transformações da língua em sua História Interna, mas que perde a clareza de uma apresentação da História Externa como objeto. O que há no livro do Professor José Mario Botelho foge das duas dominantes. Concilia densidade de estudo, delineamento do objeto com fruição de leitura. Está-se diante de um texto que agrada aos estudiosos especialistas em LP, se mostra adequado, conforme supomos sua origem, às salas de aula, e pode também agradar ao leitor que busca enriquecimento cultural.

O livro é resultado de anos de docência da disciplina. As referências usadas são evidente trabalho de acúmulo erudito, daí excederem os 200 títulos sem que haja, contudo, colocação desnecessária, redundante ou forçosa de citações. Texto amadurecido, por isso também, texto tão claro, tão agradável de ler, apesar de toda a complexidade conceitual que encerra.

O ensino de disciplina de abordagem diacrônica do idioma traz uma dificuldade inerente: somam-se complexidade conceitual, em parte pela demanda de conhecimentos de diferentes áreas intercruzados, com uma riqueza de detalhes minuciosos. No capítulo de abertura de outra importante obra de história da língua portuguesa, Amini Boainain Hauy faz a indagação-chave que lança luz sobre a dimensão dessa dificuldade.

¹ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil; mcnqsofocles@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-4003-7150>

Como se explica que o latim vulgar, que, até o terceiro século da Era Cristã, conservara suas características fundamentais, se tenha diferenciado tanto, nas diversas regiões, a ponto de se transformar, a partir do século IX, nas línguas neolatinas: francês, italiano, espanhol, romeno, rético, dalmático, sardo, galego, e português? (Hauy, 2008, p. 27).

A introdução de algum elemento novo, de alguma reconsideração, alguma reconceituação, requer a mobilização de um amplo material que a simples apresentação da disciplina já demanda, dentro de uma tradição de reflexões de diferentes histórias nacionais, coloniais, imperiais, migratórias, gramaticais, linguísticas, que não pararam com a formação da língua identificável como portuguesa...

O estudo da origem da língua portuguesa tem sido intrigante para aqueles que com isto se preocupam, já que se trata de uma língua que, a par de ter a origem no latim vulgar – língua falada no vasto Império Romano por povos romanos e romanizados – especialmente o falado na Lusitânia, recebeu contribuições oriundas de diversas línguas, entre as quais se destacam o grego (via latim), o árabe, o espanhol e outras neolatinas, o tupi, o guarani, o quimbundo e outras de origens africanas e demais (Botelho, p. 19).

Vista assim, a disciplina se mostra mais afeita a partilhar tradições que as renovações abruptas. Sua maior característica é a enorme permeabilidade dos diferentes campos não sendo diferente na área das letras. Sua aparente fixidez se deve mais ao grande montante de material consultado, apresentado que à realidade. Em texto de 1987, Celso Cunha anotava a esse respeito: “a filologia (mesmo entendida no sentido restrito da crítica textual) sempre se beneficiou dos progressos da linguística, sendo de admitir a recíproca, principalmente no que se refere à linguística diacrônica” (Cunha, 2004, p. 349). Deslizamentos sistematicamente ocorrem, o latim bárbaro, datado de em torno do século VIII, nas escritas de tabeliões, incrustado de romance, medieval, não é visto como corrupto ou poluído e sim como variante altamente funcional e adaptada ao seu contexto de época. Bem como aqueles textos atendiam às expectativas de recepção do gênero que compunham aquela ambientação histórica.

Logo, não havia naqueles textos incorreções propriamente ditas, porquanto não seriam eles textos em latim propriamente dito. Eram, de fato, textos escritos numa linguagem variante do latim, mas que se mostravam comunicativa e pragmaticamente adequados ao contexto cultural e social da época; os escribas usavam um sistema de escrita tradicional conveniente, pois teriam eles sido

treinados com tal sistema, que atendia às expectativas da comunidade textual em que se inseriam e para a qual escreviam os seus textos (Botelho, 2022, p. 65).

A maturidade da reflexão sobre as fontes e a solução encontrada para questões fundamentais do desenvolvimento do nosso idioma estão presentes em toda a primeira parte do livro, a dedicada à história externa. Bom exemplo se mostra ao tratar da questão do que se convencionou chamar de latim bárbaro na escrita dos tabeliões, por volta do século VIII: ao invés de tomar por textos com incorreções, prefere pensá-los como não sendo textos em latim, mas de linguagem variante do latim.

[...] que se mostravam comunicativa e pragmaticamente adequados ao contexto cultural e social da época; os escribas usavam um sistema de escrita tradicional conveniente, pois teriam eles sido treinados com tal sistema, que atendia às expectativas da comunidade textual em que se inseriam e para a qual escreviam seus textos (Botelho, 2022, p. 65).

Contudo, os capítulos que, talvez, mais possam encantar o leitor são os IX, X e XI, dedicados à chegada e ao desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil. Do distanciamento inicial, pela pouca presença de ações concretas do império português na enormidade da terra para o mundo europeu descoberta, pode-se dizer:

Decerto a presença do homem branco, português, se encontra dissimulado naquela enorme massa de índios e negros africanos. A língua portuguesa, em desvantagem, concorria com a língua geral de base tupinambá, que era utilizada por todos, fazia-se necessária a mercadores em suas visitas, aos aventureiros em suas incursões, aos moradores das vilas em seu convívio com os silvícolas (Botelho, 2022, p. 153).

Mais de um século demoraria para que a língua portuguesa se fizesse importante na terra colonial, tal fato somente começa a se dar na medida que a terra é adentrada e preenchida de povos exógenos, ibéricos e africanos, por sobre a destruição da cultura e dos povos autóctones. “No final do século XVII, por conseguinte, a língua geral começa a perder espaço para o português do Brasil. O seu emprego passa a se limitar às povoações do interior do país e em comunidades de organização jesuítica” (Botelho, 2022, p. 155). Momento propício para dizer do enorme massacre sofrido pelas populações indígenas, os povos originários, desde os alvares da colonização, não havendo cessado nunca. “De fato, ainda hoje, em pleno século XXI, continuam a ocorrer tais ações de abusos e violência” (Botelho, 2022, p. 156).

A segunda parte do livro é dedicada à segunda parte do título, “a formação de seu léxico”, adentra, portanto, à gramática interna da língua. No entanto, ao atentarmos para o que diz Carlos Alberto Faraco sobre o estudo da formação do léxico, percebemos que a unidade do livro se mantém, pois é ainda da profunda relação entre os movimentos gerais da cultura com a formação do idioma de que trata.

Esse tipo de estudo no eixo do tempo se correlaciona normalmente com o estudo mais amplo da história cultural da(s) comunidade(s) linguística(s), na medida em que o léxico é um dos pontos em que mais claramente se percebe a intimidade das relações entre língua e cultura (Faraco, 2005, p. 42).

Essa segunda parte começa com um capítulo que aborda os fundamentos do vocalismo e do consonantismo, em seguida, trata dos metaplasmos, desse modo definidos pelo autor: “são as alterações fonético-ortográficas que sofreram as palavras durante a sua evolução, causadas pelos princípios, relativamente inconscientes, graduais e regulares, cujo conjunto constitui o Vocalismo e o Consonantismo, estudados no item anterior” (Botelho, 2022, p. 207). Conclui com um capítulo sobre os processos de formação, ampliação e renovação lexical: derivação, composição e formas divergentes e convergentes. A segunda parte do livro é, obviamente, menos autoral, no entanto, escrita com autenticidade e igual cuidado de apresentação didática.

Rosa Virgínia Mattos e Silva, em *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*, diz da relação de necessária dependência da linguística histórica para com a filologia, sem o trabalho com os textos das diversas épocas empreendido pelos filólogos.

A linguística histórica no sentido estrito depende, diretamente, da filologia, uma vez que tem como base de análise inscrições, manuscritos e textos impressos no passado, que, recuperados pelo trabalho filológico, tornam-se os *corpora* indispensáveis às análises das mudanças linguísticas de longa duração (Mattos e Silva, 2008, p. 10).

Para a consulta a textos da diacronia do Português no Brasil, há ao menos duas ricas fontes, nenhuma delas de fácil consulta para a formação de graduandos, o PHPB (Para a História do Português Brasileiro). Reunindo esforços conjuntos de diversas universidades brasileiras, o projeto é composto por 13 equipes regionais: Alagoas, Bahia, Ceará, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará-Oeste, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo; e o CTB (Corpus Tycho Brahe - Brasil), da Unicamp.

Assim, é, ainda dentro da preocupação didática, que o livro traz, após a extensa bibliografia, um anexo, com uma série bastante numerosa de textos exemplares de diversos estágios da língua e de exemplos de textos iguais em diferentes línguas, para uma perspectiva comparada de linhas de formação das línguas neolatinas.

Para concluir essa breve resenha, é importante apresentar alguns dados sobre o autor, professor José Mario Botelho. É professor titular na Faculdade de Formação de Professores da UERJ, foi membro da Academia Brasileira de Filologia e atualmente preside o Círculo Fluminense de Estudos em Filologia e Linguística (CiFEFiL). Possui duas graduações em letras, mestrado e doutorado em linguagem pela PUC-Rio e mestrado e doutorado em letras clássicas – latim pela UFRJ. De igual modo, julgamos necessário dizer algo sobre a importância dos estudos históricos da língua. Estudar a língua em seus estágios passados é ainda pensá-la em sua atualidade e em seus devires: “pode-se sustentar que não há sincronia sem diacronia. Esta última está sempre subjacente num dado estado de língua, que seria a cada momento cheio do passado e do futuro, sem que se possa afirmar que a língua se tenha estacionado num momento” (Dubois *et al.*, 1977, p. 182). Entender sua história externa é acordar a percepção para as interrelações entre as diversas dimensões da vida humana.

Referências

BOTELHO, J. M. **História externa da língua portuguesa e a formação de seu léxico**. Rio de Janeiro: Autografia, 2022.

COUTINHO, I. de L. **Pontos de gramática histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976.

CUNHA, C. **Sob a pele das palavras**. Organização, introdução e notas Cilene da Cunha Pereira. 3 reimp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Academia Brasileira de Letras, 2004.

DUBOIS, J. *et al.* **Dicionário de linguística**. Direção geral de tradução Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1978.

FARACO, C. A. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola, 2005.

- | *História externa da língua portuguesa e a formação de seu léxico* (resenha)

GALVES, C.; ANDRADE, A. L. de; FARIA, P. **Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese**. 2017. Disponível em: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/en/index.html>. Acesso em: 21 set. 2023.

HAUY, A. B. Séculos XII, XIII, XIV. In: SPINA, S. (org.). **História da Língua Portuguesa**. Cotia: Ateliê Editorial, 2008. p. 20-144.

PROJETO PARA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO (PHPB). 2020. Disponível em: <https://sites.google.com/site/corporaphpb/home>. Acesso em: 21 set. 2023.

SILVA, R. V. M. e. **Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível**. São Paulo: Parábola, 2008.

TEYSSIER, P. **História da Língua Portuguesa**. Tradução Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

COMO CITAR ESTA RESENHA: QUEIROZ, Mario Cesar Newman de. Resenha da obra de BOTELHO, José Mario. **História externa da língua portuguesa e a formação de seu léxico**. Rio de Janeiro: Autografia, 2022. 302 p. **Revista do GEL**, v. 20, n. 1, p. 278-283, 2023. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

Submetido em: 25/04/2023 | Aceito em: 20/08/2023.
